

DESENVOLVIMENTO HUMANO NA FORMAÇÃO INICIAL PARA A DOCÊNCIA

JULIANA MARQUES DE FARIAS¹; MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – teacherjulianafarias@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas– maianeho@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

As políticas mandatórias da educação brasileira e da formação de professores contemplam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, o que convoca os professores para o desenvolvimento humano nos contextos institucionais. Entretanto, apesar do reconhecimento de sua importância, existe ainda uma significativa lacuna entre as ideias de formação integral das crianças/jovens e o desenvolvimento pessoal e profissional que ocorre nos cursos de formação inicial de professores. As instituições escolares também são convidadas a revisitar suas propostas pedagógicas, visto que não é apenas um documento bem elaborado que sustenta uma prática pedagógica, mas a transformação do adulto é que pode sustentar uma proposta pedagógica emancipatória.

Neste contexto, esta pesquisa investiga a formação inicial de professores, na perspectiva do desenvolvimento humano, tendo como objetivo compreender qual o impacto da oferta de oportunidades de formação humana durante a pandemia de Covid-19 para os licenciandos em um curso de Pedagogia. Orienta-se pela seguinte problemática: como contribui para a formação inicial de professores a oferta de tempo, espaço e escuta de qualidade para que esses sujeitos accessem suas narrativas autobiográficas?

Nörnberg e Ourique (2018) apontam a relevância da escuta atenta nos cursos de Pedagogia, a fim de compreender a constituição da identidade dos estudantes. Para Day (2004, p. 95), “ensinar bem é um trabalho complexo, que exige muito tanto do coração e da alma como da mente, sendo poucos os trabalhos que têm tais níveis de exigência”, o que salienta o aspecto central das emoções para uma formação.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, iniciada em meados de 2020 e ainda em andamento, possui uma abordagem hermenêutica, caracteriza-se como um estudo de caso que utilizou até o momento como instrumentos um questionário e rodas de conversa. Primeiramente, foi aplicado um instrumento exploratório, no formato de um questionário *online*, a fim de auscultar os níveis de desenvolvimento emocional, as necessidades e as expectativas da comunidade de discentes do curso de Pedagogia durante a pandemia. A partir dessa fase exploratória, focamos no planejamento e execução de rodas de conversa, no formato de oficinas, totalizando 10 encontros previstos, dos quais 3 já foram executados. O público-alvo desta primeira rodada, realizada em ambiente virtual, são 27 estudantes vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), matriculados entre o 1º e o 5º semestre da graduação em Pedagogia. Ao final de cada encontro, solicitamos aos participantes a escrita de um texto-memória a partir das seguintes questões: Como você saiu dessa oficina? O que você leva dessa oficina de hoje? A intenção, portanto, é de articular e



acompanhar as experiências de subjetivação, a fim de reconhecer estes processos em ambientes de formação docente que valorizam o desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos dados da primeira ação da pesquisa foi possível identificar que o questionário exploratório representou a abertura de uma janela de escuta para a comunidade discente e um convite à autorreflexão. Entre os meses de abril e maio de 2020, recebemos 115 respostas e identificamos, à época, que os principais sentimentos manifestados pelos entrevistados eram ansiedade (43,5%), medo (36,5%) e tristeza (7%). A disponibilidade dos participantes para a narrativa autobiográfica nas perguntas abertas nos demonstrou a necessidade de escuta, o valor atribuído à presença do outro e o impacto do desenvolvimento humano sobre as trajetórias formativas de cada um.

Na segunda ação da pesquisa, planejamos oficinas buscando oferecer oportunidades de (auto)formação humana, sensibilizando os participantes para o diálogo, para a escuta profunda e para o reconhecimento de si. As temáticas das oficinas convocaram os participantes a refletirem sobre emoções, sentimentos, crenças e necessidades das crianças e dos adultos, rememorando assim a própria experiência infantil e localizando-a em sua historicidade social e cultural.

Analisando os textos-memórias, identificamos que, de um total de 27 participantes, 25 demonstraram um acolhimento da proposta e uma necessidade de conversar sobre temáticas de si. Ao iniciar os encontros, solicitamos que compartilhassem as emoções e sentimentos mais presentes no momento e muitos manifestaram angústia, ansiedade e apreensão. Entretanto, ao fim das oficinas, ao responderem como saiam da vivência, os sentimentos mais prevalentes foram leveza, reflexão, gratidão e tranquilidade. Percebemos pouca resistência a uma reflexão conectada com a própria narrativa autobiográfica. Do total de participantes, 1 apresentou em seu texto um relato sucinto e sem atribuição de sentido ao que vivenciou. Na oficina seguinte, esse mesmo participante já apresentou uma atitude de abertura, engajando-se de forma mais ativa nos diálogos e elaborando um texto-memória mais autobiográfico. Outro estudante, ao vivenciar uma meditação guiada, foi tomado de emoções muito intensas e acabou desconectando-se da oficina virtual, experiência que nos foi relatada através do texto-memória do licenciando.

Day (2004) aponta um caminho de desenvolvimento humano para o profissional da educação, convidando o sujeito para o reconhecimento de si como um ser integral, olhando atentamente para as próprias emoções, a sua identidade como professor, a fim de compreender como esse compromisso vem conduzindo ou não sua formação. Esse é um viés específico de investimento na (auto)formação humana dos professores, um reconhecimento “de suas necessidades primárias de auto-realização, satisfação no trabalho, de se sentirem valorizados, proporcionando tempo e espaço para permitir a criação, a recriação, e a manutenção da paixão pelo ensino, que lhes permite ensinar da melhor forma possível.” (DAY, 2004, p. 24).

A abordagem de desenvolvimento humano dessa pesquisa, portanto, não remonta a uma atividade instrumental ou, como referido por Nussbaum (2015), uma “perspectiva empresarial”, na qual o investimento educacional nos professores é realizado visando apenas uma melhora na performance dos estudantes. A autora propõe duas questões centrais para compreender o



desenvolvimento humano: O que cada pessoa é capaz de ser e fazer? Quais são as reais oportunidades que estão disponíveis a cada um? Essa concepção de desenvolvimento humano como oportunidades de (auto)formação através do reconhecimento se si, do outro e do poder de escolha é a que adotamos nesta pesquisa.

Durante os diálogos com os estudantes, percebemos uma disposição interna para o reconhecimento de si, de sua infância, além de notarmos em alguns participantes uma postura não culpabilizadora e não punitiva das limitações de seus familiares à época. Vários estudantes também demonstraram suas fragilidades e identificaram-se em processo de formação, na medida que compartilhavam seus relatos de infância nas oficinas.

Nussbaum (2015, p. 30), discorrendo sobre a fragilidade humana, afirma que o choque interior é “a estranha combinação, nos seres humanos, de capacidade e impotência; nossa relação problemática com a impotência, a mortalidade e a finitude; nosso desejo permanente de transcender condições que, para qualquer ser inteligente, são dolorosas de aceitar.” A autora destaca esse reconhecimento da própria fragilidade e aponta a aceitação dessa combinação de capacidade e impotência nos seres humanos como um dos traços dos cidadãos de democracias mais saudáveis.

Através do relato de alguns participantes durante as oficinas, identificamos um certo desconforto na manifestação de 3 licenciandos que expressaram vergonha de compartilhar suas impressões. Assim, reforçamos a compreensão das fragilidades humanas como central, a fim de reconhecer e acolher esse sentimento de vergonha das fragilidades, visto que “o desejo de transcender a vergonha da incompletude provoca muita instabilidade e risco psicológico.” (NUSSBAUM, 2015, p. 31)

Reconhecer a fragilidade do humano é um processo de (auto)formação que requer diferentes sentimentos. Para Day (2004, p. 43), “ensinar relaciona-se com o amor, porque envolve confiança e respeito, e porque, no seu melhor, depende dos relacionamentos próximos e especiais existentes entre alunos e professores”. Honneth (2003, p. 160) também destaca o amor como relevante para a primeira esfera de reconhecimento “[...] porque em sua efetivação os sujeitos se confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências, reconhecendo-se assim como seres carentes.” Pudemos identificar em narrativas no texto-memória de dois participantes tanto o reconhecimento das próprias fragilidades e carências, quanto o acolhimento dessas características humanas como oportunidades de conexão.

Esse acolhimento das próprias fragilidades e carências sugere autoconfiança, pois, segundo Honneth (2003, p. 173), a partir de uma experiência bem-sucedida nessa primeira etapa do reconhecimento, “a criança é capaz de desenvolver ao mesmo tempo, a sombra de sua confiabilidade intersubjetiva, uma confiança na satisfação social de suas próprias demandas ditadas pela carência”. O sujeito desenvolve, assim, “[...] uma certeza amadurecida de que as próprias carências vão encontrar permanentemente satisfação por parte do outro, visto que são de valor único para ele” (HONNETH, 2003, p. 173). Vale ressaltar que esse outro que irá permanentemente atender nossas carências manifestadas não necessariamente seja externo, mas que na interrelação subjetiva é possível um “[...] ser-si-mesmo em um outro, o qual pode ser concebido como padrão elementar de todas as formas maduras de amor.” (HONNETH, 2004, p. 168). É essa certeza amadurecida que ancora condutas pedagógicas éticas, permitindo a sustentação de um clima de confiança entre os sujeitos de modo que as



experiências de cada um encontrem um lugar de significado na trajetória profissional, distantes, portanto, do olhar empresarial sobre a formação.

Esse reconhecimento das próprias emoções, bem como da sua fragilidade e impotência são características centrais para a formação de professores. Isso porque, conforme Day (2004, p. 86), existe uma reciprocidade entre o pensamento, sentimentos e memória. Assim, os sentidos que cada um vai atribuindo ao que lhe acontece requer uma contínua reflexão de modo que os conhecimentos teóricos e culturais que o sujeito vai tendo acesso ao longo da formação profissional possa ampliar, a cada vez, o circuito de significados. “Se (os professores) não tiverem a faculdade de sentir ou a liberdade de se “enfrentarem a si próprios” para serem pessoas completas na sala de aula, as consequências que se poderão verificar neles serão: uma implosão, uma explosão ou até mesmo um abandono da atividade.” (DAY, 2004, p. 39).

4. CONCLUSÕES

Até o presente momento, a pesquisa tem indícios que reforçam a importância das práticas de desenvolvimento humano para estudantes de Pedagogia. Seguiremos desenvolvendo essa pesquisa até o final de 2022 e ainda pretendemos agregar ações futuras.

Oliveira-Formosinho (2018, p. 26) afirma que “precisamos desafiar os formadores a serem profissionais de desenvolvimento humano, sejam eles educadores de crianças pequenas ou de adultos. Em consequência, a formação de formadores torna-se uma prioridade.” Parece-nos insuficiente elaborar planejamentos nas instituições educativas embasados em uma pedagogia emancipatória se o adulto segue arraigado em um modelo violento ou burocrático de educação. Assim, identificamos a importância da (auto)formação humana nos cursos de Pedagogia para que os licenciandos possam produzir reconhecimento de si e do outro, ressignificando suas narrativas autobiográficas e tecendo os fios de uma experiência formativa comum.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAY, C. **A paixão pelo ensino**. Porto: Porto Editora. 2004.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

NÖRNBERG, M.; OURIQUE, M. L. H. **Por que a docência?** Marcadores sociopedagógicos do desenvolvimento profissional de aspirantes à carreira docente. *Práxis Educativa*, 13(2), 348-364. 2018.

NUSSBAUM, M. **Sem fins lucrativos:** por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes. 2015.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. A formação como Pedagogia da relação. **Revista FAEEBA Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 27, n. 51, p. 19-28. 2018.